



HEMEROTECA  
MUNICIPAL  
DE LISBOA

**ARTEOPINIÃO**<sup>1</sup> – Revista fundada em Dezembro de 1978 por um grupo de estudantes de Artes Plásticas e Design da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL) e continuada até Fevereiro de 1982. Foi uma “existência breve” dirão todos aqueles que desconhecem a “sina” da maioria das publicações de arte em Portugal, especialmente dos projetos editoriais de iniciativa particular, neste caso de um grupo de estudantes, sem patrocínios ou apoios, pelo menos na fase de lançamento. Na verdade, dois anos de vida podem significar muito e render muito, tudo depende da determinação e das expectativas iniciais, e quanto a isso o primeiro editorial é muito clarificador:

*“As coisas dão-nos gozo. E em especial as coisas importantes a fazer, dão-nos um bruto gozo a pensar e a pôr em marcha.*

*Não fora isso, e não saía cá a folheca. Bem avisaram, bem nos avisaram. «...vocês vejam lá, rapazes, só taradinhos de todo é que vão emagrecer a fazer uma revista de arte...».*”

Portanto, a vontade sobrava, mas não queriam fazer da revista o seu púlpito, queriam uma revista participada, melhor partilhada por todos e por cada um como espaço ‘nosso’ e ‘meu’, livre do freio da reverência, do medo ou da vergonha:

*“Ponha-se à vontade. Faça as contas ao seu orçamento na contra-capa, porque não? Isso, isso! Tome nota do telefone do seu amigo ao alto desta folha, que o espaço chega à vontade. Dobre em 4 e meta-nos no seu bolso. Leve-nos consigo. E mais: Escreva-nos, desenhe-nos, pinte-nos, fotografe-nos, relate-nos, diga-nos, conte-nos... não telefone, que há dois anos que estamos à espera do dito. Coisas!*

*Quem é que lhe disse que para escrever sobre arte só com Parker de ouro? Nada disso, nada disso. [...]*

*Cá na ArteOpinião cada um é como cada qual, mas somos todos iguais numa coisa: pensamos e muito a sério que isto das artes é para todos e ainda mais, para botar cá para fora, bem ao sol, a apanhar muita claridade. Você compreende-nos, não é verdade?»*

*E chega. Agora que já está bem disposto, prepare-se, que o melhor vem nas páginas a seguir. E já agora não se esqueça: Quando fizemos a ArteOpinião fizemo-la a pensar naquilo que não queríamos. Não queríamos fazer mais uma enxúndia literateira.”*

Para um *outsider* das “artes”, como é o caso desta que escreve, o que releva dos 16 números da *ArteOpinião* é a plena concretização do programa delineado e as muitas horas “gozo” que esse trabalho certamente proporcionou aos dinamizadores do projeto

<sup>1</sup> Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/artepiniao/artepiniao.htm>

e a todos os que aceitaram o convite e contribuíram para a “festa” com as suas ideias e talentos; e foram muitos, e não foram só estudantes, mas também artistas de todas as artes, estéticas e movimentos, professores, arquitetos, poetas e ensaístas, galeristas e dinamizadores culturais, críticos de arte, jornalistas, e outros que tais; foram muitos, dezenas, mais de uma centena, os que deixaram a sua assinatura ou voz “gravada” na *ArteOpinião*, sob a forma de ensaios, comentários, crónicas, artigos, reportagens e entrevistas.

Falemos então dos fundadores ou dinamizadores deste projeto.

De acordo com a ficha técnica que figura no verso da capa, o grupo era assim constituído: Pedro Cabrita Reis (n. 1956), que era o proprietário e assumia a função de diretor; José Pedro Croft de Moura (n. 1957), Luísa Coimbra e Mário Cardoso Pires, que compunham o corpo redatorial, sendo o último também responsável pela fotografia; Cândida Ruivo e Rui Cochofel, que compunham a equipa gráfica.

Logo no segundo número, a dita ficha atesta um reforço geral da equipa: o grupo redatorial ganha Filipe Rocha da Silva (n. 1954 e que é o *Sátiro*, das crónicas humorísticas) e perde Pedro Croft; a fotografia passa a contar com Júdice da Costa e Eduardo Coutinho (n. 1952) que também integra a equipa gráfica. Este núcleo manteve-se até Julho de 1979 (n.º 7), sendo apenas de assinalar a passagem pela equipa gráfica de A. Pacheco (n.º 5 e 7) e José Dionísio (n.º 7)

Podemos associar esta equipa a uma “primeira fase” da revista *ArteOpinião*, durante a qual ela manteve um ritmo de publicação mensal; depois os protagonistas mudaram, e não só, mas tratamos disso mais à frente.

Durante este período, o endereço da redação e administração era o da Associação de Estudantes, no largo da Biblioteca, n.º 2; e a composição e impressão era assegurada pela GRUA Artes Gráficas SCARL, localizada na calçada dos Barbadinhos, 114 A. Quanto ao preçário praticado e às tiragens, que também constam na referida ficha técnica, os valores mantiveram-se estáveis durante todo o período: AVULSO, 30\$00; ASSINATURAS: 6 meses, 165\$00; 12 meses, 330\$00; para os SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO havia um desconto na assinatura: 150\$00 e 300\$00; quanto às tiragens indicadas, há a assinalar uma pequena descida no último número do período (n.º 7): de 1.500 para 1.000 exemplares.

Chegados a Julho de 1979 (n.º 7), anunciaram no editorial um “intervalo para férias” e fizeram o balanço do trabalho: *“Fim de uma primeira fase que foi melhor do que alguns preveriam e pior do que outros pudessem esperar, esta revista no dizer de um leitor anónimo não poderia deixar de ser aquilo que foi, aquilo que vocês têm vindo a conhecer ao longo destes sete números que, por não sermos os profissionais que alguns talvez quisessem que fossemos, esses números bem que nos deixaram de rastos por vezes.”*

Não oferece dúvidas que algumas notas de “frustração” ressoam neste discurso. O que as motivava não é assumido claramente, referem-se a uma certa “descontinuidade no nível de construção desta revista”, resultante de um excesso de “neutralismo” que querem ver substituído por uma “tomada de posição”, *“isto é: levantarmo-nos aberta e comprometidamente em polémicas que sabemos e sabíamos serem importantes e actuais mas que uma concepção demasiado pacífica desta*

*actividade de fazer revistas num meio que muitas vezes não prima pela clareza de discurso e de objectivos como é o das «artes» (...), nos embotou a iniciativa que seria lícito esperar.”*

Também não estavam satisfeitos com a divulgação, a projeção alcançada pela revista, no seu objetivo de aproximação da arte ao cidadão: *“O nosso justo desejo de coisificar/divulgar/generalizar/desmistificar os «malabarismos das belas (malas)artes» não foi até onde deveria e muito menos da forma como se deveria. Arcozelo, a Póvoa e Cabanas ao pé de Tavira continuam à espera ainda desta coisa que se chama arteopinião muito embora se diga que lá não querem saber disso para nada. E talvez não queiram e tenham razão. [...] O que apesar de tudo não é razão para serem ignoradas. [...] O pior erro que talvez tivéssemos cometido quanto a este assunto foi nós próprios não termos ido lá. Não há que rir. Só se sabe o gosto de uma maçã se a mordermos e esta revista foi vezes demais uma aldeia que desprezou a possibilidade de se deslocar até à montanha quando o poderia ter feito.”*

Não obstante toda esta autocrítica, dura, acabam por concluir que valera a pena todo o esforço.<sup>2</sup>

O recomeço estava previsto para Outubro, mas só aconteceu no início do ano seguinte (1980): o número 8 data de Janeiro/Fevereiro. O que aconteceu durante o “compasso de espera” não foi revelado; mas a ficha técnica apresenta muitas mudanças. A propriedade da *ArteOpinião* era agora da Associação de Estudantes de Artes Plásticas e Design, da ESBAL; e a revista passou a ser subsidiada pela Direção Geral do Ensino Superior e a beneficiar de porte pago; a estrutura organizativa da equipa dirigente ficou mais “complicada” e desapareceram alguns elementos da equipa anterior: Diretor – Filipe Rocha da Silva (da equipa anterior); Coordenadores – Álvaro Rosendo (n. 1960), Eduardo Coutinho, Filipe Rocha da Silva, Gonçalo Ruivo (n. 1957), Sanches Ramos, José Calvet de Magalhães (Porto) (1915-2004) e Mafalda Osório; Gráficos – António Carvalho e Eduardo Coutinho; Fotografia – Eduardo Coutinho e Júdice da Costa; Assuntos Administrativos – Júdice da Costa. A sede continuou no mesmo endereço, a composição, montagem e impressão continuou a ser assegurada pela GRUA Artes Gráficas SCARL, localizada na calçada dos Barbadinhos, 114 A, mas a *ArteOpinião* passou a contar com o serviço de uma empresa distribuidora, a DIJORNAL, com sede na Rua Joaquim António de Aguiar, 64, 2.º dt.º, em Lisboa.

No editorial desse número de retoma foi assumido que a revista enfrentava dificuldades financeiras que podiam por em risco a sua sobrevivência que, no imediato, iam procurar garantir alterando a periodicidade e agravando o preçário, mas “acenaram” com algumas compensações; e lançaram um apelo aos leitores para que se empenhassem naquele exercício de sobrevivência: *“Dificuldades económicas e de tempo fazem a Arteopinião sair de 2 em 2 meses durante quatro números, após os quais será re-examinada a situação. O aumento do preço deve-se evidentemente ao aumento brutal dos custos de produção (tipografia) e é compensado pelo número de páginas e pela cor na capa. Para garantir a continuidade da revista e a sua melhoria é fundamental que os leitores se encarreguem da difusão, particularmente os professores de educação visual*

---

<sup>2</sup> No mesmo número, foram publicados os comentários críticos de balanço da Direção da Associação de Artes, Plásticas e Design, de Ernesto de Sousa e de Pedro Calapez, estudante da ESBAL.

*e de outras matérias, e estudantes. Por outro lado não podemos sub-estimar a importância económica das assinaturas e da publicidade paga, pelo que solicitamos a todos os leitores que tenham possibilidade de obter quer umas quer outras que nos contactem.”*

Também houve uma demarcação em relação à ideia defendida no editorial de balanço (nº 7), no sentido de a revista “tomar partido” em vez de se manter numa posição “neutral”, aberta a várias vozes: *“ARTEOPINIÃO NÃO É a revista da «vanguarda» estético-artística, quanto mais não seja porque não temos qualquer certeza acerca do «onde, como e quando» dessa vanguarda. Por isso preferimos a abertura a uma diversidade de «verdades», do que o enfeudamento a uma «descoberta» copiada de uma cosmópolis da arte, ontem inovadora, hoje académica. Porque não somos a vanguarda do pretensiosismo e como escreveu um colaborador, «mais vale despreziosamente de gravata do que pretensiosamente de colarinho aberto».”* Aparentemente, a questão tinha subjacentes diferenças político-ideológicas e até partidárias, o que não surpreende de todo se tivermos em conta a “luta” pelo controlo das associações de estudantes. Mas não vamos explorar esse território.

No que toca à substância, não são identificáveis mudanças radicais ou óbvias em relação à 1.<sup>a</sup> fase da *ArteOpinião*, ou seja, a revista manteve a sua natureza eclética e o seu espírito “jovem”, irreverente e polémico. Pode dizer-se que a imagem se tornou mais presente, o que se ficou a dever a uma atenção maior às artes do cinema, da fotografia, da banda desenhada e por via da publicação de cartoons, ilustrações e, no último número (16), duas BD e uma Fotonovela; a arquitetura e o urbanismo também ganharam maior visibilidade, muitas vezes associados à questão ecológica e à defesa dos espaços verdes; outras novidades foram: o aparecimento de notícias, retro e prospetivas, reunidas na rubrica “Breves”.

No início de 1982, saiu o último número da *ArteOpinião*: “ainda mexe!”, proclamavam no editorial, mas... quem o lê percebe que o “gozo” dera lugar à ira, à indignação, que expelem em golfadas satíricas, como esta: *“O que faz mesmo mexer a ARTEOPINIÃO é um profundo ódio à cultura; estamos empenhados num maquiavélico projecto político que visa, através do terrorismo cultural, abalar os órgãos do poder democrática e legitimamente eleitos. Esta é que é que a verdade!”*

Também é verdade que eram muitos os indícios de que as coisas não estavam bem: o diretor mudara novamente (Eduardo Coutinho); a equipa estava reduzida a 6 elementos; a periodicidade no horizonte era a quadrimestral; a publicidade era esporádica, ao contrário do subsídio financeiro, que permanecia; e o preçário apenas contemplava a venda avulso por 130\$00! Face a estes dados, como interpretar o editorial: foi uma imprudência ou um grito de protesto?

Porque para além da equipa permanente a *ArteOpinião* mobilizou muitos colaboradores e tratou de muitas artes, optou-se por elencar todos:

A

Adelino Carvalhão  
Alexandre Alves da Costa,  
Ana Teresa Fabris  
Afonso Cautela,  
Antónia Coelho da Mota,

António Barros  
António Jacinto Rodrigues  
António Louzeiro  
António Nóvoa  
António Quadros Ferreira  
António Saraiva  
António Sena da Silva  
António Tavares Teles  
Aurelindo Ceia

B

Betâmio de Almeida

C

Calvet Magalhães  
Carlos Amaral Dias  
Carlos Fragateiro  
Carlos Nogueira  
Cristina Sousa  
Costa Martins

D

Daniel Tércio  
Domingos D. Martins

E

Eduardo Geada  
Eduardo Martins  
Elisa Belo  
E. M. Mello e Castro (nome literário de Ernesto Manuel Geraldês de Melo e Castro)  
Ernesto de Sousa (1921-1988)  
Eugénio Castro Caldas  
Eurico Gonçalves  
Eva Rodrigues

F

Filipe Rocha da Silva  
Fernando Brito  
Fernando Grade  
Fernando do Rio  
Francisco Laranjo  
Francisco Teixeira

G

Guapo Garção,  
Guilherme Silva

H

Hélder Costa  
Hestnes Ferreira,

Hipólito Clemente  
Horácio Bonifácio

## J

Jacinto Nóbrega  
Jacinto Rodrigues  
Joana Zúquete  
João Freire de Oliveira  
João Martins Pereira  
João Oliveira  
João Pedro Rosado  
João de Sousa Morais  
Joaquim Brazinha  
Joaquim Matos Chaves  
Jorge Custódio  
Jorge Gouveia  
Jorge Pinheiro  
Jorge Serrão  
José Afonso  
José Gabriel Pereira Bastos  
José Luís Porfírio  
José Manuel Fernandes  
José Manuel Pedreirinho  
José Manuel Viegas José  
Pulido Valente José  
Teixeira  
José Vieira Marques  
Josefina Gamito  
Júdice da Costa Júlio  
Resende  
J. M. Guardado Moreira  
J. Silva Rosa

## L

Lagoa Henriques  
Leonel Moura  
Leonor Álvares de Oliveira  
Lucília  
Luís Afonso  
Luís Aguilár  
Luís Bissau  
Luís de Miranda Rodrigues Luís  
Mourão, professor primário Luís  
Teles  
Luisa Schmidt  
Luiz Carvalho  
Luiz Francisco Rebello

## M

Mafalda Osório

Mafalda P. Sousa  
Manuela Synek Manuel  
Augusto Araújo Manuel  
Costa Leite Manuel  
Rosa Margarida Calado  
Maria João Fernandes  
Maria Rodriguez  
Mário Dionísio  
Michel Tap

N  
Nuno Gonçalves

O  
Odete Branco

P  
P. Gavi  
Paulo Serra  
Pedro Andrade  
Pedro Calafate  
Pedro T. Mota

R  
Rocha de Sousa  
Rodrigues da Silva  
Rogério  
Rolando Dário  
Rui Mário Gonçalves  
Rui Matos  
Rui Sanches

S  
Salette Brandão  
Sátiro (pseud. de Luís Filipe Rocha)  
Sérgio Paulo dos Reis  
Sílvia Chicó  
Silvestre Pestana

T  
Teresa Boniné  
Tó Zé Perdigão Queiroga

V  
Vicente Bravo  
Victor Musgrave  
Vitor Nina

Z  
Zé Ribeiro

W  
Waldemar Ramalho

Lisboa, 16 de Maio de 2019

Rita Correia